

Pra garotada tudo é festa!

Por: Cristina Vergnano

Eu devia ter o quê? Uns dez a doze anos? Por aí. O clima já estava mudado, segundo especialistas e familiares mais velhos. Talvez por isso, nunca tinha tido a oportunidade de presenciar uma chuva de granizo. Sabia o que era, claro. Tínhamos estudado na escola e vi acontecer em outros lugares, passando na televisão. Mas, pessoalmente, jamais! Era uma total incógnita. Equivalia à neve, outra realidade distante.

Como boa adolescente, achava que era muito adulta. Queria ser levada a sério, impor minhas ideias e ser respeitada como gente grande. Chamo atenção para isso porque, naquela tarde, esqueci desse detalhe por completo. A queda do granizo me fez voltar à infância e agir com todo o maravilhamento que se pode esperar de uma pessoa para quem a vida é sempre portadora de novidades e encantamento.

Eu estava em casa. Tinha tido aula de manhã, já havia feitos os deveres de casa e pedi para descer ao *play* a fim de encontrar com os amigos. Primeiro, jogamos uma partida de vôlei. Depois, pegamos as bicicletas e fomos até uma praça próxima. A tarde estava tranquila. Lá, nos sentamos nuns bancos e ficamos batendo papo, trocando segredos, tirando onda uns dos outros, cantando músicas da moda. De repente, começou a escurecer. Um vento frio agitou as árvores. Aquilo não estava com boa cara.

Decidimos sair rápido e voltar à segurança do edifício. Era perto, como disse, portanto, chegamos antes do toró desabar.

Não sei, porém, o que nos deu. Instinto, talvez? Aquela impressão de que algo ia acontecer... Decidimos guardar as bicicletas e ficar por ali a fim de ver se estávamos certos.

Ouvimos um barulhão ao longe, depois outro. O primeiro tinha sido um trovão, o seguinte, o estouro de um transformador. O prédio ficou sem luz. Algumas mães apareceram nas janelas gritando por nós, para saber se estávamos todos lá e bem. Houve quem quisesse que subíssemos de uma vez. Argumentamos, do nosso lado, que não havia riscos em ficar no *play* ou na portaria. E, de qualquer maneira, estava tudo meio escuro mesmo. Que diferença faria num lugar ou no outro?

A chuva não demorou a despencar com toda a sua força, acompanhada da ventania. Entre nós, havia quem tinha medo de temporais e se encolhia a cada trovoadas. Discretamente, claro, para não ser alvo de gozações dos outros.

Uns minutos depois de começada a chuvarada, apareceram elas: as pedrinhas de granizo. Ah, foi o máximo! Chuva é tudo igual, mas aquilo era novo. Ninguém nos segurou. Saímos da parte coberta do *play* e fomos para o trecho aberto. As pedrinhas, que eram pequenas, pipocavam no chão de lajotas, nas nossas cabeças, nas plantas. Ouvimos uns moradores agoniados, lamentando o estrago nos carros. Nós não nos importávamos. Só queríamos ver e vivenciar aquela experiência diferente, matar nossa curiosidade. Coletamos pedrinhas, observamos como derretiam nas palmas de nossas mãos, fizemos guerrinha de gelo, contamos no relógio quanto tempo demoravam para desaparecer misturadas ao resto da água da chuva, comparamos os tamanhos do granizo encontrado.

Quando a luz voltou e o aguaceiro amainou, nossos responsáveis deram um basta na diversão. Adolescentes e crianças ensopados, subimos de elevador ou pelas escadas até os apartamentos, entre risadas e despedidas. Ouvimos algumas broncas preocupadas, sem dúvida. Esse é o papel dos pais. “Vai molhar tudo, menino!” “Que ideia, garota!” “Vai acabar ficando gripada.” Nem ligamos! A farra não durou muito, foi, contudo, memorável.